

O COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 333

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE
AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

Pregos: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$400 rs e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazil, anno 4\$400 rs.—Semestre 2\$300 rs. moeda forte, ou 10\$000 reis e 5\$500 reis moeda fraca.—Annuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—QUINTA-FEIRA 13 DE ABRIL 1875
Bismark.

Só Deus pôde tirar de grandes males incalculaveis bens.

Esta verdade, comprovada pela historia, está-se evidenciando hoje mais com o que actualmente se passa na Alemanha.

E' bem sabido de todos, que Bismark, cego de orgulho, louco de vaidade, julgou poder levar de vencida o reino de Jesus Christo, como levado tem pela astucia, não menos que pelas armas outros potentados, na apparencia mais fortes, mas na realidade infinitamente mais fracos.

A perseguição religiosa que primeiro planeou e mais tarde poz em execução contra os catholicos allemães, ao mesmo tempo que era um programma imposto, tinha por fim exaltar mais o seu orgulho, já embriagado de celebridades e gloria.

Imaginou passar triunfante sob a capula de S. Pedro, como passado tinha victorioso junto da columna Vendome.

Mas, pobre louco! não se lembrou que a Igreja Catholica tem assistido sempre aos funeraes de quantos contra Ella ousaram levantar mão sacrilega, e que se alguma vez se mostra abatida, é só para confundir com um inesperado triunfo a soberba dos que a perseguem.

Bismark teve inveja da gloria de Juliano, sem desprezar a fama dos Neros. E como quem leva em mira vencer, ou morrer, poz em acção toda a sua sagacidade de mistura com o despotismo de que é capaz.

Mas se o inimigo é invencivel... Os krupps arrasam muralhas, mas não vencem a fé.

As baionetas varam os corpos, mas deixam intactas as consciencias.

Dois annos de raiva e constancia, de furor e perseverança deveriam ter convencido o orgulhoso chanceller de que contra a força invisivel da fé christã são impotentes as iras do poder terreno.

E de feito Bismark se a pertinacia do mal lhe não vendasse o espirito, teria reconhecido o resultado negativo de suas loucas tentativas.

Cantem-lhe embora hymnos de triunfo os seus assalariados encomiastas que as palmas colhidas n'este genero de lucta, parecem louros de vencedor e não são mais que tristes emblemas de vencido.

A estrella de Bismark começa a declinar.

Como todos quantos n'um momento se elevam sobre o commum dos homens, e que embriagados de gloria, imaginam o impossivel, o heroe de Sadowa e Sedan lembrou-se de escalar tambem o céu para obrigar o proprio Deus a servir á sua vaidade; mas não reparou que a obra em que consumia toda a sua actividade e intelligencia, levava nos alicerces o elemento de sua propria ruina.

Podem os seus esbirros encarcerar bispos, deportar padres, que triunfo não é o encerrar n'uma masmorra, quem para ella caminha alegre e com a consciencia segura da causa santa que defende.

Chovem embora as calumnias, as medidas de rigor, as multas e os supplicios, que vencido não é quem tem por armas a paciencia e a oração.

Não, o que a ferocidade do seu despotismo não conseguirá nunca é faser calar esses gritos de admiração e de victoria, que partido unanimes de duzentos milhões de fieis, formam por assim dizer cá na terra o triunfo mais completo dos perseguidos injustamente.

E não é só cá fóra, onde as garras do abutre não chegam ainda, que milhares de peitos generosos abrigam um sentimento de veneração e respeito pelos grandes martyres do despotismo imperial; lá mesmo sob as vistas do tigre, com a perseguição que recrudescer, a fé revive, e o sentimento catholico se expande.

Que outra coisa significam essas numerosissimas peregrinações de quatro, e seis mil fieis que todos os dias batem ás portas das priões, onde os seus prelados expiam a feliz culpa de serem fieis a Deus?

Que outra coisa querem dizer essas immensas romarias (deputações em massas), como lhes chamou o proprio procurador geral encarregado da accusação de Mgr. o veneravel prelado Martin, senão que dezeseis milhões de catholicos allemães estão promptos a derramar o seu sangue, se necessario fór em defesa da sua religião?

E em quanto que este grande movimento se opera no seio dos catholicos perseguidos, para protestarem o seu amor e adhesão aos seus pastores encarcerados, na igreja de uma parochia interdicta, aberta pelo unico padre que apostatou, para satisfazer sua ambição, apenas cinco mulheres e dois homens se reúnem, e quem sabe se por curiosidade? para ouvirem o renegado, embora favorecido pelas graças de Bismark!

Dœllinger, o admirado professor de historia em outros tempos, apenas é escutado na sua cadeira por oito ou nove ouvintes.

Na faculdade de theologia em Bonn, tres professores do gosto de Bismark repartem entre si o leccionamento de onze discipulos, em quanto que ao lado d'elles um professor catholico conta na sua aula cento e vinte alumnos.

Não será pois tudo isto uma garantia do futuro que Bismark preparava tão revoltoso?

Não, quando um povo, assim se mostra sobre e digno, no meio de uma grande provação, protestando por tal fórma contra os tirannos da sua consciencia, não ha que temer.

Podem, é verdade, redobrar as iras do despota, atear-se-lhe mais o desejo de perseguição, até exigir sangue para apagar a sede de suas iras, tudo será em vão.

E quando o tigre, já sedento de sangue, se vir caçado de nada conseguir, bradará como o outro despota de quem herdou os odios e as manhas—*vicisti Galilea!*

Correspondencia estrangeira PARIS, 4 D'ABRIL.

(Correspondencia particular do «Commercio do Minho»)

[Conclusão do n.º antecedente]

Os deputados realistas, que se acham pela maior parte na provincia, não passam o seu tempo em estereis discussões politicas. Perferem espalhar pelos campos a fortuna que Deus lhes concedera, e assim passam as ferias empregadas em boas

Persuadido estarás tu n'estas alturas, que vou estender-me em prelecções lexicograficas ou em apreciações de litteratura patria!

Enganas-te. Não gosto de metter foice em seára alheia. O meu fito, escevedote, é outro.

E' chorar, não como Heraclito de Ephe-so, porque não tenho a veia lacrimosa de filosofo obscuro, mas como mulher trahida pelo abandono d'amante seductor, sob a impressão das pequenas miserias d'este mundo, e rir-me, senão como Democrito, para não soffrer como o risinho filosofo, o epitheto de louco, ao menos como o bonacheirão do nosso conterraneo padre Theodosio, ao ver certas petulancias que por *ahi* superabundam.

Não levo com isto em mira, nem teinho intento de tomar sobre mim a propiedade de endireitar o mundo. Torto está elle de sobra, para que hajam forças humanas que o endireitem. O mal é chronico de mais para que possa ter cura. Perdoadado seja quem no principio do aleijão lhe não pôz um dique. Vem a pêlo, citar-te uma sentença latina, que quando rapaz vi estampada no frontal de um balcão de botica, e que se bem me recordo dizia—*principiis obsta sero medicina paratur, cum mala per longa, involuere mora.*

Não garanto a ortografia, porque sa-

obras e no allivio dos desprotegidos da sorte.

Occupar-se-hão elles, ou não, das eleições do Senado, e apresentar-se-hão para faser parte da segunda camara? Eis uma questão a que não é facil responder e que é mui discutida.

Emquanto que alguns pretendem que M. o conde de Chambord deu a seus amigos authorisação para se apresentarem como candidatos á camara alta, outros—e os mais authorisados, segundo me parece—affirmam que o chefe da casa de Bourbon não fez declaração alguma, e que os seus sentimentos em nada se modificaram depois da votação das leis constitucionaes.

E' licito suppor que poucos legitimistas farão parte do Senado, que não será composto senão de orleanistas e de republicanos.

—Os leitores tem conhecimento dos «comités» catholicos de França, e não ignoram que nascidos no meio das desgraças da patria, teem por fim defender os interesses religiosos e concorrer para a diffusão ou para a criação de todas essas obras admiraveis produzidas pela inexgotavel caridade da Igreja.

Todos os annos se reúne em Paris o congresso catholico. Este encerra todos os «comités», e são alli enviados das nossas provincias delegados para darem conta dos progressos da obra, dos melhoramentos de que precisa, etc.

Na tarde de terça-feira abriu-se a primeira sessão do quarto congresso que se tem feito n'esta capital.

Presidiu Mgr. Guibert, cardeal arcebispo de Paris, acompanhado de Mgr. Lequette, bispo d'Arras.

Assistiram á abertura grande numero de deputados, os duques de Laroche-foucauld, Doudeouville, de Brisac, de Lar, de Fitz-James, outros nomes conhecidos e recommendaveis, padres, religiosos de todas as Ordens, delegados de provincias, e numerosos leigos.

M. Chesnelong, presidente de todo o congresso e deputado da extrema-direita pronunciou o discurso da abertura.

O orador commoveu todo o auditorio quando fallou do Santo Padre, da sua força, da sua paciencia e de sua santidade.

Depois caracterizou com grande felici-

bes, que sempre fui rebelde no idioma latino, apesar de me ter apoquentado em estudar o *justus, justa, justum.*

Porém o que lá vae, lá vae. Deixemos o passado ao dominio da historia, a quem pertence de facto e de direito, e voltemos ao fim a que me proponho.

Mas, ainda agora reparo! Após uma estirada d'este feitio, ainda me atreverei a cançar por mais tempo a tua paciencia? Não.

Não se vae a Roma n'um dia, e eu não quero toroar-me tão massador que te obrigue a lançar as minhas cartas para traz das costas, porque n'esse caso seria—*Graviora quaedam sunt remedia periculis.* Isto não é meu, isto é roubado.

Termino, pois esta, a que chamarei preambulo, e na seguinte curarei de principiar a desenvolver o plano da obra, se obra se pode chamar o meu trabalho epistolar.

Conta-me sempre, como

Amigo dedicado,

Abril 10 de 1875

Y.

FOLHETIM

Villa Nova de Famalicão.

CARTAS SEM NEXO

AO MEU AMIGO X.

I

Mon cher.

Li algures que os nossos reis, tinham antigamente bobos, que, em horas de mau humor, os entretinham com ditos e faccias, para se furtarem a ataques hypocondriacos.

Lançando mão de ti, influenciado por este facto, não quero, nem por sombras, comparar-me com os primeiros, nem de fórma alguma, apparellhar-te com os segundos, pois seria, quanto a mim, uma loucura, e para o teu caracter sizudo uma desconsideração que não mereces, mormente partida de mim.

Aproveitando-me do paralelo não o faço senão como figura, para ensejo de uma serie de cartas que tenciono dirigir te nas minhas horas de spleen, e que não só tomarei como passatempo, mas tambem por utilidade, porque seguudo o nosso Principe dos Poetas:

D'est'arte se esclarece o entendimento.

Devo, porém prevenir-te que não esperes de mim fluencia de estylo, vigor d'argumentação, força de logica, nem architectura rethorica, porque não sendo, como sabes, dos prebendados da litteratura, apenas poderei dizer-te quatro parvoçadas que formem no todo um aranzel, composto de palavras refractarias aos dictionarios.

Dado esse caso, que desde já posso affiançar-te se dará, não te cances nem percas tempo em consultal-os, limitando-te a tel-as puramente por vernaculas, pois que no elevado conceito do nosso Castilho (e que elle me desculpe a franquesa do pronome)—*toda a palavra que não vier no Dictionario é verdadeiramente portuguesa.*

E' certo, e com fraqueza t'o digo, que não tomo o dito por axioma, porque a sel-o de nada valeriam os trabalhos de Bluteau, Moraes, Constancio, Fr. Domingos Vieira com seus ampliaderes, e muitos outros que queimaram as pestanas em coordenar alfabeticamente a nossa lingua, tão variada quanto diffusa.

Ainda assim, acceito a proposição (a meu vêr espirituosa) por partir de mestre, pois ninguem se atreverá, e pelo menos não serei eu que o faça, a negar que Castilho é mestre que se deve respeitar.

cidade d'expressões o fim nobre e religioso que, sem respeito humano, tem as obras dos «comités» catholicos.

Em seguida M. Baudon, presidente da Sociedade de S. Vicente de Paulo, começou a expor a serie dos trabalhos do congresso, e leu um notavel trabalho sobre a liberdade d'ensino superior, mostrando o erro que haveria em tolerar a existencia de universidades livres, sem as dotar da autonomia que n'outra possuíam as universidades francesas e que ainda hoje gosam as universidades livres do estrangeiro.

M. Gr. Guibert encerrou esta primeira sessão do congresso por alguns conselhos. A sua palavra era repassada d'uma simplicidade tocante. Depois de ter louvado a coragem dos membros dos «comités», S. Em.^a fez algumas considerações sobre a imprensa, aconselhando os membros dos conselhos a combater não só a imprensa impia, mas ainda a imprensa immoral ou pouco moral.

A segunda assembleia geral do Congresso foi presidida pelo arcebispo de Pékin, e a affluencia era não menos consideravel que na vespera. O rev.^o padre Marquigny, tomando a palavra depois de muitos outros oradores, leu um estudo que tinha preparado sobre esta questão: *Ensinamento do Syllabus com relação á imprensa*. O padre Marquigny é o redactor dos *Etudes Religieuses*.

Romperam de todas as partes calorosos applausos quando o orador, depois de ter exposto claramente toda a doutrina do Syllabus, disse que este grande acto de Pio IX devia ser a regra de todos os catholicos, e que para todos a primeira coisa a fazer era repudiar as doutrinas que elle condemna e não só na vida publica, mas tambem na particular, conformar os seus actos com este ensino infallivel.

O referido trabalho é mui extenso, mas eu creio que não desagradarei aos leitores communicando-lhes o texto das conclusões, que são as seguintes:

1. Os nossos sentimentos sobre o valor intrinseco das liberdades modernas estão plenamente de accordo com as declarações da Encyclica de 1864 e do Syllabus. E em particular, no que respeita á imprensa, pensamos que a liberdade igualmente arbitrada ao erro e á verdade, ao mal e ao bem, constitue um regime funesto para a liberdade religiosa e para a sociedade civil.

2. Sem derogar os principios, e preminindo-nos contra as illusões liberaes, continuaremos a servir-nos resolutamente de todos os meios de direito commum, e nomeadamente da imprensa, para defender os direitos de Deus, os direitos da Igreja, e os nossos proprios direitos. Visto que o combate é necessario, sustentamo-nos valorosamente, com a benção do Vigario de Jesus Christo, sobre o terreno em que elle é ferido e pelo emprego legitimo das armas de que se faz uso contra nós.

3. O principal dever dos publicistas catholicos é hoje restaurar nas ideias o direito publico christão, e a imprensa tem por missão essencial ser o ecco dos infalliveis ensinamentos da Santa Sé, em todas as suas applicações á vida social.

4. Conformemente com a doutrina definida pela Igreja, professamos que os poderes publicos, que são os ministros de Deus para o bem, tem deveres para com a verdade, e nós não deixaremos, sem protesto, applicar a theoria perniciosa da liberdade em tudo e para todos, especialmente na proxima lei sobre a imprensa.

5. Como a efficacia da acção catholica exige a harmonia de todos na unidade dos mesmos principios e do mesmo fim, os comités catholicos de modo algum favorecerão os jornaes que manifestam tendencias contrarias á direcção doutrinal.

As outras reuniões tem sido mais importantes ainda. Todas as questões que interessam aos catholicos são alli tractadas e estudadas com cuidado.

A questão da cessação do trabalho ao domingo tem principalmente preoccupado a attenção dos membros do Congresso.

Porque não empregariam elles a auctoridade que podem ter sobre as casas de commercio afim de pedir ao ministro competente a cessação do trabalho nas gares e vias publicas?

Se o Congresso conseguir que seja adoptada esta util medida, pode-se dizer que o Congresso de 1875 não foi de menor utilidade que os precedentes, e terá assim prestado um importante serviço ao catholicismo primeiro, e em segundo lugar a social inteira.

Lisboa 12 de abril

(Do nosso correspondente).

Politica ponço.

Acentua-se a separação do sr. Vaz Preto, contra o governo. O sr. Pinheiro Chagas deixou de ser redactor da «Revolução de Setembro», e com o sr. Delfim de Almeida vai fundar o novo jornal «A Discussão», que se apresentará hostil ao actual gabinete.

Falla-se já na exoneração dos governadores civis da Guarda e Castello Branco, afim de combater a candidatura, na Beira Baixa, proposta pelo sr. Vaz Preto, que tem grande influencia n'aquelles circulos. Por alli é proposto pelo sr. Vaz Preto o seu primo conde da Graciosa.

Diz-se que a divisão comarcã será levada a effeito o mais breve que poder ser, afim de que os artistas se não levantem.

Sabiu hoje no paquete para Inglaterra o sr. Carlos Testa que vai inspecionar os trabalhos da construção dos navios de guerra, por conta do nosso governo.

Fez aqui effeito o meeting do Porto para se estudar a questão dos Bancos. Creio que todos poderão viver, se não se limitarem ás operações bancarias, mas sim auxiliarem a industria, e voltarem-se para o campo da exploração industrial e agricola.

Foi brilhante a proeissão do Senhor aos entevados, na Sé. Levava 7 anjos, 20 lanternas de prata em roda do pallio, guarda de 120 praças da municipal e a musica de infantaria 16. Algumas das ruas estavam embandeiradas e areadas. Na do Sacramento houve a filarmónica 27 de julho que acompanhou o prestilo religioso. A rua da Oliveira estava embandeira e areada, com mastros e figuras. No centro havia uma coroa com anjos.

Tem causado sensação no estrangeiro a nota de Bismark á Belgica, sobre a liberdade d'imprensa. A cerca d'este assumto foi o governo inglez interpellado, e a «Gazeta d'Allemanha do Norte», periodico semi-official, procura attenuar o assustador effeito da nota e do artigo do «Post» de Berlim.

Segundo uma nota communicada ao instituto archeologico de Londres pelo capitão Wendres, prova-se que o primeiro navio couraçado foi construido em Nisa, em 1530, sendo a couraça de chumbo, tomando parte na expedição de Carlos V, contra o Barba Roxa, em Tunis.

O sr. Mendes Leal enviou á academia de Paris uma carta do governador portuguez Godinho de Heredia, escripta pouco tempo antes da morte de Vasco da Gama, e na qual se diz, que os portuguezes já conheciam a Australia com o nome de *Terra de ouro*.

Continúa gravemente enfermo o sr. conselheiro Fradesso da Silveira.

Das notas do livro da emigração no Brazil, vê-se, que desde 1 de janeiro de 1870 até 31 de dezembro de 1874, entraram no Rio de Janeiro 46:828 portuguezes. Foram d'estes 9:157 fugidos ao recrutamento.

Em relação aos districtos foram: Aveiro, 5:931—Beja, 10—Braga, 5:814—Bragança, 131—Castello Branco, 23—Coimbra, 1:683—Faro, 13—Guarda, 166—Leiria, 75—Lisboa, 2:295—Porto, 14:036—Santarem, 15—Vianua do Castello, 3:183—Villa Real, 2:937—Vizeu, 3:180—Angra 3:867—Horta 1:441—Ponte Delgada, 1:995—Funchal, 53.

No mesmo periodo vieram do Brazil para Portugal 14:717, sendo 1:507 por conta das sociedades de beneficencia.

Para S. Paulo em 1870 foram 300 trabalhadores—contratados por 300 rs. francos e os artistas a 600 rs. francos.

Chegarão noticias de Moçambique. Ha socego. O prelado publica uma pastoral ordenando a abertura de um collegio-seminario onde se ensina a doutrina, francez e theologia—o seminario recebe 12 alumnos pobres e conta com 800\$000 rs. Fallarei d'este assumto mais devagar.

REVISTA ESTRANGEIRA

Espanha.

Já ninguém espera nada da attitude tomada por Cabrera. As illusões esvaeeram-se como fumo.

—A brigada de Martinez Campos, na sua retirada de Olot para Ripoll, soffreu uma espantosa derrota, tendo mil baixas e outros tantos prisioneiros da sua retaguarda.

—Saballs e Lizarraga escreveram a D. Carlos o seguinte:

«O exercito da Catalunha, indignado pela traição de Cabrera, nunca porá o estandarte da legitimidade aos pés do rei da revolução.

Vós prometteste matar a revolução; vós a matareis: contae com os catalães, que receberão sempre a tiro de espingarda aquelles que se atreverem a fallar-lhes de paz com a «Revolução».

—O conflicto universitario continúa assumindo grandes proporções. Já foram desterrados varios professores das universidades das provincias. Da de Madrid foram no dia 7 desterrados Figuerola e Morayta.

—Vallés entrou em Mora do Ebro, onde cobrou impostos.

—A «Gazeta» diz que os carlistas surprenderam o pequeno forte d'Aspe

—Um telegramma de Londres, em 12, é assim concebido:

Assegura um despacho carlista que em Bayonna foi recusada a Cabrera a permissão de visitar Madrid.

Cabrera.

[Continuação]

O reconhecimento do reino de Italia rompeu a especie de pacto tacito que houve entre os elementos mais catholicos de Hespanha e a rainha Isabel, que foi abandonada por aquelles que não a combateram mas lhe negaram o seu apoio, deixando-a entregue, com os escasos elementos conservadores que a rodeavam, aos embates revolucionarios. A abortada tentativa do general Prim em janeiro de 1866, e a rebelião militar de junho do mesmo anno, factos estes de caracter antidynastico, reacimaram as esperanças dos emigrados carlistas que então começaram a agitar-se, procurando rodear o que os seus amigos chamam hoje Carlos VII, ainda que a circumstancia de seu pae conservar ainda o logar de chefe do ramo a que pertence, não lhe dava o caracter de chefe dos seus partidarios; estes porém não queriam seguir D. João de Bourbon, que não representava os principios que elles haviam sempre defendido, pois se havia declarado partidario de não poucas concessões em sentido liberal.

Cabrera foi um dos chefes que se apressaram a visitar aquelle que, visto seguir os principios que elle toda a sua vida professára publicamente, devia considerar como seu futuro rei, e ácerca d'esta visita conta-se uma anedocta que tem todos os visos d'uma fabula ridicula, porém que revela a indole contelosa d'este personagem e até um pouco as tendencias anti-carlistas de sua esposa. Contam os intimos do general, e contam-no sem nos dizer se houve primeiro alguma dissidencia entre o caudillo e o principe, que depois da conferencia que teve logar no parque do segundo, enquanto o principe se divertia no jogo do balouço, jurava *sotto voce* ao velho general que o havia de fusilar algum dia, quando pouco depois se quebrou o ramo de uma das arvores que sustentava o balanço, caindo D. Carlos ao chão. N'esta occasião a condessa de Morella arrancou uma lasca do ramo para o guardar como uma recordação indelevel da ameaça que ella só tinha ouvido, e da immediata advertencia providencial que o principe recebeu por havel-a pronunciado, relação esta que não resiste ao mais ligeiro exame.

O que porém é certo é que sobre a secretária do caudillo ex-carlista, na sua esplendida quinta de Wenworth, distante de Londres treze milhas, pode-se ver uma pequena chapa de prata de segurar papeis que tem incrustado um pedacinho de madeira em bruto, no qual se veem gravadas as seguintes palavras: «Guardae, Senhor, o meu querido, do lobo que o espreita». Este objecto foi dado a Cabrera por sua esposa.

Por occasião da revolução de setembro de 1868, reuniram-se alguns chefes carlistas em Londres com D. Carlos, já possuidor da abdicção de seu pae, afim de tractarem de negocios com relação á causa que representava, não podendo Cabrera assistir a estas conferencias por estar gravemente enfermo em consequencia de se lhe ter aberto uma das suas antigas feridas; D. Carlos porém apressou-se a visitá-lo na sua quinta, onde se diz que o velho caudillo conservou uma attitude assaz reservada, obstinando-se em negar a sua cooperação, sob pretexto dos seus incommodos, até que o principe já cansado de discutir, levantou-

se com certa altivez, pronunciando as seguintes palavras: «Ou seja contigo ou sem ti, serei rei. Adeus!» Referem que ao sair do salão onde o haviam recebido e quando se voltava para saudar a esposa do general, viu por acaso que esta lhe fazia um d'esses pequenos signaes, que a boa educação reprova, accidente este que ao que parece o principe nunca esqueceu.

O partido carlista, ignorando, como é natural, estas e outras particularidades, continuava a considerar Cabrera como o primeiro dos seus caudillos, e a esta consideração obdeceram as conferencias que produziram o resultado de que se encarregasse de dirigir os negocios de D. Carlos para abandomal-os d'ahi a tres mezes, em julho de 1869, tornando a encarregar-se d'elles em outubro do mesmo anno para os deixar em março de 1870, epocha desde a qual se apartou de toda a ingerencia activa no partido.

Sobre este periodo ha curiosos e quasi desconhecidos pormenores que não devem perder-se para a historia e dos quaes posso muitos de boa origem. Investido de grandes faculdades, Cabrera reservava em absoluto a D. Carlos quando preparava para um movimento em que sem duvida pensou, ainda que hoje diga o contrario, para o qual lhe serviam de base a organização do partido, as eleições e outros actos puramente legaes podendo affirmar-se que são não poucos os hespanhoes que tem dados sobre a projectada conspiração, que ha mais de um elevado militar que pôde dizer se sim ou não foi comprometido a obrar em dia proprio, e que são tambem alguns os homens civis participantes do segredo, só com a differença de que nenhum d'estes tinha talvez mais de um dos fios da meada, e que no geral (coisa surprehendente em quem falla de seu amor á doutrina carlista!) não se tractava com antigos filiaes d'este partido, mas militares e homens civis de procedencia liberal, buscando-se como base do movimento uma insurreição militar que é precisamente a tendencia contraria á que sempre teve o carlismo.

Suas cartas a D. Carlos revelam-no a miudo desalentado, mas um d'esses desalentados que parecem pedir garantias e não duvidar do exito se se concederem estas; porém entre ellas destaca-se uma bastante grave e que merece ser conhecida, ainda que seja só em extracto. A situação economica do principe era por então assaz afflictiva, e como lhe tivesse fallado d'ella e da necessidade de adquirir recursos para attender ás despezas que occasionaria o que se intentasse sobre Hespanha, Cabrera respondeu-lhe que «só encontrára um prestamista que lhe offerecia dez milheas de francos com a condição de que D. Carlos e sua esposa assignariam, deixando um espaço em banco para uma condição, o contracto que sobre o emprestimo se havia de celebrar, coisa que não julgára dever admitir sem ordens precisas, apesar de lhe constar o angustioso da situação.» Esta carta, que é pelo menos uma grande ineptia, despertou no principe certos receios de que não se curou e que hoje os successos parecem justificar.

Um dia o general Cabrera annunciou a D. Carlos que era chegada a hora de operar; mas que, para que em tudo se guardasse o maior segredo, era preciso que conferisse o cargo de seu secretario a D. José Ros de los Ursinos, antigo official carlista, que não pôde obtel-o, porque ao chegar á Suissa estava já na posse do dicto logar o conde de Semitier, tambem veterano official do exercito de Carlos V e primogenito do barão de Hervés, primeiro personagem fusilado em Hespanha pela causa d'este principe; porém não obstante, associou-se ao despacho dos negocios como segundo secretario.

N'este meio tempo apresentava-se na residencia de D. Carlos um D. Miguel Losada, a quem ninguém conhecia entre os carlistas, portador de uma carta de Cabrera que o fazia, digamol o assim, seu embaixador juncto do principe e as suas pretensões, claramente expressadas, reduziam-se a exigir que saíssem immediatamente da casa de D. Carlos quantos servidores o rodeavam, incluindo os collocados na mais modesta esphera, pretensão repellida dignamente por D. Carlos que protestou julgar-se com o mesmo direito que o ultimo dos homens para ter ao seu serviço os criados que considerasse convenientes, mas accrescentando que, se qualquer d'elles se lhe tornava suspeito ou lhe tinha faltado em alguma cousa,

lh'o indicasse com a causa de sua suspeita ou falta, para removê-lo immediatamente.

Foi esta, ainda que se quiz dizer outra cousa, a causa determinante da demissão do general Cabrera, demissão que no primeiro momento não quiz aceitar D. Carlos pedindo ao seu caudilho que lhe designasse o ponto onde havia de ir celebrar a sós com elle uma conferencia, da qual estava seguro que resultaria um perfeito accordo, conferencia a que se negou o solitario de Londres, protestando que o accordo era impossível, e insistindo na sua demissão com data de 19 de março de 1870.

Ha na historia d'estes successos uma particularidade que quasi todos ignoram de que por acaso tenho exacto conhecimento que merece publicar-se, porque, junta a outras que talvez eu desconheça e a factos posteriores, acclara muitas duvidas e pôde em parte explicar o recente proceder de Cabrera. Os trabalhos que este proseguiu junto de alguns importantes liberaes começaram por então a dar seu fructo, e a isso sem duvida referia quando annunciava estar proxima a hora de operar, e vou relatar esse particular, tal como veio ao meu conhecimento por via fidedigna.

(Continúa)

SUBSCRIÇÃO

A subscrição para o jasigo que se tenciona erigir no cemitério ao fallecido padre Martinho A. Pereira da Silva, e para uma memoria que se pretende levantar-lhe no Sameiro, junto do monumento da Immaculada Conceição a elle devido, acha-se aberta na livraria Catholica, rua do Souto, em casa do sr. Domingos José Vieira Machado, na Praça municipal, n.º 17, e no escriptorio d'esta redacção.

GAZETILHA

Exequias.—A mesa da archiconfraria do SS. Immaculado Coração de Maria, erecta na igreja do Convento dos Remedios, deliberou fazer celebrar na mesma igreja sollemes exequias, por alma do sempre chorado, revd.º padre Martinho Antonio Pereira da Silva, instituidor da mesma archiconfraria. Terão lugar no dia 17 do corrente, pelas 10 horas da manhã.

Roga-se a assistencia dos numerosos amigos do finado.

Missa funebre.—No mesmo dia 17 do corrente, pelas 8 horas e meia da manhã haverá na R. Capella da Misericordia uma missa solemne de *Requiem* e resposso cantado, que os capellães da mesma resolveram fazer celebrar, para suffragar a alma do seu nunca assaz chorado, e jámais esquecido companheiro, o revd.º padre Martinho Antonio Pereira da Silva.

Igualmente se convidam as pessoas amigas do finado a assistir a este solemne e piedoso acto.

Mais.—As religiosas do Salvador celebrarão amanhã missa cantada e officio para suffragar o alma do mesmo fallecido padre Martinho, que foi um dos fundadores da devoção da exposição do SS., em todos os domingos anno, a qual dura ha 10 annos, no mesmo convento.

Fallecimento.—Nos fins do mez passado, falleceu na sua casa em Coura a irmã dos exc.ºs srs. dr. Antonio Bernardino de Menezes, lente da Universidade, e D. Telmo de Menezes.

Soubemos muito tarde d'este infasto acontecimento, e é por isso que só hoje podemos transmittir-l-o aos leitores.

A' illustre familia da finada enviamos os nossos pesames.

Batoteiros.—Deu-se ante-hontem, de tarde, caça aos jogadores que se divertiam em casa d'um tal Carseiro, dos Chãos.

Foram presos 7 individuos, incluindo o dono da casa.

Beneficio.—O espectáculo que brevemente alguns curiosos vão dar, no theatro de S. Geraldo, em beneficio d'uma casa de religiosas, consta do drama em dois actos *Os homens do povo* e das comedias *Atribuições d'um tutor* e *A criada impagavel*.

Epidemia.—Consta ao «Districto de Aveiro» que a epizootia tem leito sensíveis estragos no gado bovino, na povoação da Gafanha de Baixo. Asseveram-nos que só na semana que terminou em 28 do mez findo morreram alli 18 bois, exhalando tal cheiro depois de mortos, que era preciso enterral-os immediatamente.

Carlismo.—A revista politica do «Jornal do Commercio», de Lisboa, diz o seguinte ácerca do carlismo:

«Nos periodicos hispanhoes dão-se as mais falsas noticias, com relação ao carlismo, noticias que são felizmente desmentidas pelas correspondencias enviadas aos periodicos francezes.

Aqui temos diante de nós uma carta de Santander, na qual se diz o seguinte:

«Esta provincia de Byscaia, de que Bilbao é capital, é das tres provincias vascongadas aquella onde o carlismo tem conquistado mais terreno. Desde o principio do levantamento, os aldeãos e as pequenas villas levantaram-se por D. Carlos. Os exercitos affonsistas só conservam Bilbao e a sua linha de fortes nas duas margens do Nervion até Portugalete, na embocadura do rio. Teem ainda Castro Urdiales e Ramales, duas pequenas aldejas meio fortificadas e com fraca guarnição.

Todo o resto d'esta rica provincia obedece a D. Carlos, e já lhe forneceu um contingente continuamente renovado de dez batalhões e muitos corpos de tercios, especie de guarda movel.

São rarissimos na Byscaia os vascongados que se atrevem a confessar opiniões liberaes fóra das linhas de Bilbao.

As forças que o general Sandoval commanda n'esta praça, bastam á justa para o serviço dos fortes e dos reductos. As avançadas carlistas estão nas duas margens do Nervion, defronte dos fortes de Bilbao, e não se pôde chegar até 2:500 metros da praça, sem se cair no meio de uma guerrilha inimiga.

Os carlistas reuniram as suas forças em Balmaseda, e D. Carlos foi alli ter com muitos dos seus cabecilhas.

Diz-se que tentaram resistir nas posições entre a fronteira de Santander e Somorrostro.

A opinião publica principia a ageitar-se á ideia do mau exito, pelo menos parcial, da questão Cabrera, e o governo parece decidir-se por uma politica menos conciliadora, para com os exercitos carlistas. Não quer que os carlistas avancem para fóra das provincias onde a insurreição principiou.

O ministerio encontra-se n'uma posição mui difficil porque vê que Cabrera não tem sobre os carlistas a influencia que se esperava, e por outro lado recia recomenciar as hostilidades, em quanto restar alguma esperança de rancor dos chefes carlistas.

Os grandes financeiros Manzanedo, Salamánca e outros, que se interpozeram para se ultimar um accordo com Cabrera, paralisam o governo annunciando-se em Madrid resultados muito proximos e muito importantes.

Não comprehendem que a submissão dos chefes e especialmente dos antigos officiaes que veem a Bayona não serve senão para irritar e exasperar as massas fanaticas e entusiastas que existem no paiz carlista. E mesmo singular o vêr-se como em Madrid se forjam illusões, porque até muitos dos correspondentes estrangeiros se deixaram enganar por esses boatos de submissão.»

O incidente no Monte-pio de S. José.—Damos hoje publicidade ás cartas referentes ao incidente que no dia 4 do corrente mez se deu no Monte-pio de S. José, e ás quaes alludimos n'um dos passados n.ºs d'este jornal:

Exm.º Snr.

Tendo concorrido no dia 4 do corrente mez á reunião d'Assemblea Geral do Monte-pio de S. José d'esta cidade, fundado no direito que confere o art. 59.º dos nossos estatutos, e tendo pedido a palavra sobre a acta e pouco depois para um requerimento, v. ex.ª, contra toda a justiça, não m'a concedeu, dizendo «que passava a consultar a Assembleia para se resolver se eu podia estar n'aquella reunião».

Em virtude de tão injusta e perigosa provocação declarei a v. ex.ª que lhe prohibia expressamente, que fizesse tal proposta e que não reconhecera na Assembleia o direito de deliberar sobre tal assumpto, protestando n'essa occasião, como ainda agora protesto pelo perigoso insulto que v. ex.ª me dirigia. Graves e serias poderiam ser as consequências d'esta injusta e insolita provocação. E, se as não houve, nem por isso o facto deixou para mim de ter a maxima gravidade. Não sei nem posso adivinhar o fim que v. ex.ª tinha em vista, mas sei que me offendeu gravemente provocando contra mim insultos e violencias que eu repelli e saberei repellar, quando me forem dirigidas. Não é só v.

ex.ª que preza a sua honra e dignidade, tambem eu, e tanto que exijo a v. ex.ª uma explicação a mais cathorica possível do insolito procedimento de v. ex.ª para comigo. Se v. ex.ª me der explicações satisfatorias e que lavem completamente o insulto que v. ex.ª me dirigiu, dar-me-hei por satisfeito, sendo a minha carta e a de v. ex.ª publicadas nos jornaes da terra; porque quando a offensa é publica é necessario que a reparação seja tambem publica. A resposta de v. ex.ª determinará o meu ulterior procedimento.

De v. ex.ª

Antonio Maria Pinheiro Ferro.

Braga 5 d'Abril de 1875.

Ex.º Sr.

Affianço a v. ex.ª que não tive o pensamento de o offender na duvida que tive em conceder a palavra a v. ex.ª na sessão de Assembleia do Monte-Pio do dia 4 do corrente, e agradeço a occasião que me offerece para o declarar tão notoriamente como eu desejava.

Estando certo de que alguns socios me disseram que v. ex.ª dissera que não queria mais saber do Monte-Pio, e vendo confirmado isto com o facto da ausencia de v. ex.ª nas precedentes Assembleas, eu, desejando que se procedesse regularmente, quando v. ex.ª pediu a palavra, disse que hia consultar a Assembleia sobre se v. ex.ª era ainda socio para lhe conceder n'esse caso a palavra. Isto no desempenho do meu dever, e sem intenção de desconsiderar a pessoa de v. ex.ª.

Creia-me v. ex.ª a sinceridade d'esta segurança: e de que tenho hoje o maior pesar de não ter feito esta pergunta particularmente aos srs. secretarios que talvez me poupassem ao desgosto que tive, e que cessa se esta ingenua declaração satisfizer a v. ex.ª quanto desejo.

De v. ex.ª

mt.º att.º venerador

Henrique Freire d'Andrade.

Braga 5 d'Abril de 1875.

COMMERCI

BOLSA DE BRAGA

12 de abril de 1875

Effectuado

Banco Mercantil de Braga, 121\$000.

BOLSIM

Banco Commercial de Guimarães 4\$050.
Banco Mercantil de Braga 3\$000.
Banco Portuguez (2.ª emissão) para liquidar em 20 de maio 21\$500.
Companhia Geral Bracarense 14\$700.

13 de abril de 1875

Effectuado

Banco de Guimarães 4\$100.
Banco da Covilhã 61\$000.

BOLSIM

Banco Portuguez para 2 de maio 21\$100.
Banco Mercantil de Braga 3\$000.
Banco Commercial de Guimarães 4\$150.
Dito dito 4\$200.
Banco de Villa Real 44\$100.
Banco do Minho 120\$600.

O director

Antonio Teixeira Barbosa.

BANCO DO MINHO

Resumo do activo e passivo em 31 de março de 1875.

Activo

Dinheiro em caixa: metal. . . 171:892\$690
Letras descontadas e a receber. 1.073:091\$898
Inscrições e mais papeis de credito 75:666\$872
Devedores no paiz 512:363\$292

Ditos no estrangeiro. . . . 68:537\$213
Emprestimo sobre penhores. 106:923\$933
Contas correntes. 504:281\$099
Acções de c. propria. . . . 64:800\$000
Edificio do Banco. 13:074\$263
Letras em liquidacão 7:236\$303

2.597:867\$563

Passivo

Capital. 600:000\$000
Depositos a praso 1.336:298\$851
Depositos á ordem 146:359\$412
Letras a pagar. 401:518\$231
Credores no paiz. 256:775\$845
Fundo de reserva. 30.000\$000
Dito para prejuizos eventuaes. 17:469\$905
Notas em circulação 93:377\$500
Dividendo a pagar. 1:676\$616
Ganhos e perdas. 14:391\$203

2.597:867\$563

Braga 7 de abril de 1875.

OS GERENTES.

Francisco Casimiro da Cruz Teixeira.
Manoel Luiz Ferreira Braga.

BANCO COMMERCIAL DE BRAGA.

Resumo do balanço do Banco Commercial de Braga em 31 de março de 1875.

Activo

Acções, prestações a receber 308:552\$500
Dinheiro em caixa. 129:434\$209
Letras descontadas e a receber 874:434\$006
Emprestimo sobre penhores. 134:244\$167
Contas correntes com garantia 785:041\$435
Agentes no paiz e estrangeiro. 715:365\$461
Titulos e papeis de credito. 63:756\$675
Diversos devedores. 32:287\$647
Despezas de installação. . . 5:535\$000
Moveis e utensilios. 1:318\$734

3.049:969\$834

Passivo

Capital. 1.000:000\$000
Obrigações a praso. 1.196:567\$821
Depositos á ordem. 274:006\$560
Agentes no paiz e estrangeiro 246:100\$057
Diversos credores. 34:417\$864
Letras em deposito. 36:744\$500
Letras a pagar. 90:652\$564
Notas em circulação 113:195\$000
Fundo de reserva. 45:232\$500
Dividendos a pagar. 456\$400
Ganhos e perdas. 15:596\$568

3.049:969\$834

Braga 5 de abril de 1875.

Os Directores

João Evangelista de S. Torres e Almeida.
Luiz Antonio da Costa Braga.

AGRADECIMENTOS

Manoel Fernandes Duarte, agradece por este meio a todas as pessoas que o cumprimentaram, e lhe prestaram seus serviços tanto na enfermidade como por occasião do fallecimento de sua chorada esposa D. Maria Basilia Sallasar Duarte, e assistiram aos officios de sepultura que tiveram lugar no dia 6 do corrente, na capella do cemitério publico, d'esta cidade, pelas 10 horas da manhã, a todos protesta seu eterno reconhecimento e gratidão. (2352)

Maria Carolina da Silva Ramos Monteiro, Antonio José Monteiro, suas filhas e Antonio Joaquim Manso, agradecem, em extremo, reconhecidos, a todas as pessoas que os cumprimentaram pela occasião do fallecimento de seu presado filho, irmão e sobrinho Antonio José Monteiro da Silva Ramos e especialmente a todos os ill.ºs e exc.ºs srs. que se dignaram assistir aos resposos de sepultura que pelo mesmo se resaram no dia 9 de março p. p. no cemitério publico, a todos protestam o seu reconhecimento e viva gratidão.

ANNUNCIOS

MINISTERIO DA FAZENDA

Direcção Geral da Thesouraria

1.ª Repartição

Por ordem superior se annuncia que nos dias 14 e 15 do corrente desde as 11 horas da manhã até ás 4 da tarde estará aberta a subscrição publica para a collocação da terceira serie das obrigações dos caminhos de ferro do Minho e Douro, cuja emissão foi auctorizada pela carta de lei de 2 de julho de 1867.

Em conformidade do decreto de 8 do corrente esta terceira serie é do capital nominal de 2:097:000\$000 reis em obrigações nominativas ou ao portador de 90\$000 reis cada uma, que vencerão o juro de seis por cento ao anno desde o primeiro de julho do corrente anno pagavel semestralmente no primeiro dia depois de decorrido o semestre vencido, em Lisboa na Direcção Geral da Thesouraria, e nas capitães dos districtos do continente do reino nos cofres centraes.

Em cada semestre serão amortizadas as obrigações que a sorte designar applicando-se successivamente a esta amortisação um quarto por cento do capital em cada anno mais o juro correspondente ás obrigações anteriormente amortizadas, de modo que a amortisação total se deve achar concluida dentro do prazo de cincoenta e seis annos.

O preço da emissão é de 86\$000 reis (oitenta e seis mil reis) por cada obrigação de 90\$000 reis nominaes pagos da maneira seguinte:

5\$000 reis no acto da subscrição.
5\$000 reis no acto da distribuição.
20\$000 reis no dia 15 de junho de 1875.
20\$000 reis no dia 16 de agosto de 1875.
20\$000 reis no dia 15 de outob. de 1875.
16\$000 reis no dia 15 de dezbr.º de 1875.

86\$600

A subscrição total quando exceda a somma nominal de 2:097:000\$000 reis será rateada pelos subscriptores na proporção das quantias com que respectivamente subscreverem.

O rateio far-se-ha de modo que a nenhum subscriptor caiba menos de uma obrigação de 90\$000 reis.

A nenhum subscriptor é permitido subscrever por maior somma do que o capital d'esta emissão ou 23:300 obrigações.

E' permitido em qualquer epoca depois da distribuição e antecipação do pagamento de quaesquer prestações com o beneficio do desconto na razão de 5 p. c. ao anno.

A falta do pagamento de quaesquer prestações faz perder aos interessados as que já tiverem sido pagas.

Os subscriptores receberão pelo deposito effectuado no acto da subscrição recibos que feito o rateio, serão o mais breve possivel trocados por titulos provisórios.

O segundo pagamento de 5\$000 reis por obrigação realisar-se-ha no acto da obrigação dos titulos provisórios.

Logo que as prestações acima mencionadas cujos recibos são passados nos titulos provisórios estiverem pagas serão os mesmos titulos trocados pelas obrigações com previa declaração dos portadores, de as quererem nominativas ou de coupons.

A subscrição estará aberta em Lisboa na Direcção Geral da Thesouraria do Ministerio da Fazenda. No Porto, em Braga e em Vianna, nos cofres centraes.

Direcção Geral da Thesouraria 10 de abril de 1875. (Assignado) José Antonio Gomes Lages.

Repartição de Fazenda do Districto de Braga 14 de abril de 1875.

O delegado do thesouro

(2371) Henrique Francisco Bizarro.

BORRACHAS DE ENXOFRAR

Manoel Lourenço d'Araujo Braga
Rua do Campo n.º 22.

Acaba de receber uma porção d'este genero, de boa qualidade, que vende por preços muito baratos, assim como enxofre de superior qualidade. (2360)

FATO FEITO



José da Silva Fundão

Campo de Sant'Anna (lado de baixo) n.º 68.

Participa aos seus amigos e freguezes, tanto d'esta cidade como das provincias que tem um bonito e variado sortimento de fato feito, casimiras para fato inteiro a 4\$500, 5\$000 e 6\$000 reis; capotes á hispanhola de 4 libras para cima, córtes de calça a 1\$500, 2\$000 e 2\$500 reis; tudo fazendas modernas.

Guarda pós de casimira e d'outras fazendas leves; casimiras a 600, 700 e 800 reis cada uma, ceroulas a 400 reis para cima, e outras mais fazendas que vende por preços muito commodos.

N. B. o annunciante faz publico, que toda a fazenda que lhe comprarem, a dá mais barata 200 reis do que em outra qualquer loja; assim como se encarrega de fazer qualquer obra que lhe seja encomendada, e promptifica-se a ficar com ella quando não fique á vontade do freguez. (783)



NOVO HORARIO.

Narciso José Marques, faz publico que a sua diligencia que sae d'esta cidade para a de Guimarães ás 6 horas da manhã e vice-versa, fica sahindo desde o dia 14 em diante ás 5 da manhã e chega a Guimarães ás 8, e de Guimarães para Braga ás mesmas horas de saida e entrada.

Preço 240 reis.

Braga 11 d'abril de 1875.

(2359) Narciso José Marques.

Henrique Francisco Bizarro, Delegado do Thesouro no Districto de Braga.

Faço saber, para que chegue ao conhecimento dos interessados, que pelo art. 3.º da lei de 18 de março ultimo, foram reduzidos a metade ou 50 por cento os foros, senos e pensões em divida, vencidos ao tempo da promulgação do codigo civil, e permitido pelo art. 4.º aos devedores a Fazenda Nacional, satisfazerem as suas dividas da referida proveniencia em prestações annuaes, que não excedam ao fóro d'um anno já reduzido a 50 por cento; por tanto todos os devedores que quiserem aproveitar-se do referido beneficio de pagarem em prestações, deverão n'esse sentido fazer as suas declarações perante os competentes Escrivães de Fazenda no prazo de 30 dias, pela fórmula que pelos mesmos vae ser annuciado; na intelligencia de que todos os que se não aproveitarem do alludido beneficio, ficam obrigados a solver os seus debitos por uma só vez, e sujeitos á competente execução.

Repartição de Fazenda do Districto de Braga 10 d'abril de 1875.

(2357) Henrique Francisco Bizarro.

BANCO DA POVOA DE VARZIM

Sociedade anonyma — responsabilidade limitada.

São convidados os snrs. accionistas para uma reunião extraordinaria da assembleia geral que terá logar no dia 30 do corrente ás 11 horas da manhã, afim de resolverem sobre o estabelecimento, do seguro contra incendios, e outra proposta, ambas comprehendidas nos numeros 12 e 15 do art. 11 dos Estatutos.

Povoa de Varzim, 7 d'abril de 1875.

Por ordem do ill.ºmº snr. Presidente da Assembleia Geral,

O secretario,

(2362) José Francisco da Silva.

TERRANOS

Compram-se para edificar, nos extremos da cidade. Propostas á rua de S. Marcos n.º 5. (2354)

BANCO DE VIANNA

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada.

São convidados os snrs. accionistas d'este banco a fazerem entrada da primeira prestação das suas acções, nos dias 19 e 20 do corrente, na razão de 5 por cento ou réis 5\$000 por acção.

Em Vianna, em casa do Banco, rua 8 de Maio, 114.

No Porto, na Caixa Filial do Banco, rua de S. João 97, escriptorio dos snrs. Antonio Domingos d'Oliveira Gama & C.ª

Em Lisboa, na casa do snr. Luiz Manoel da Costa.

Em Braga, no Banco do Minho. Vianna 8 d'abril de 1875.

Os directores,

Antonio Maria Baptista Camacho.

José Martins Barboza.

João Abel d'Oliveira. (2358)

TABACOS XABREGAS

Commissão aos snrs. estanqueiros

Fumos 15 por cento, Rapé 30.

Vende-se na Tabacaria Bracarense, rua do Souto n.º 27. (2353)

BANCO MERCANTIL DE BRAGA

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Em harmonia com o disposto no art. 7.º dos Estatutos, são convidados os snrs. accionistas a fazerem a 1.ª entrada das suas acções na razão de 20 p. c. desde o dia 20 de abril até o 1.º de maio: em Braga na casa do Banco e no Porto na do seu agente o snr. João Evangelista da Silva Mattos & C.ª—Praça de D. Pedro n.º 22.

Braga 24 de Março de 1875.

Os directores,

José Joaquim Lopes Cardoso

João da Costa Palmeira

(2344) José Antonio Rebelo da Silva.

ALTA NOVIDADE

26, Rua do Souto, 26

Junto á rua de Jano.

CHAPELARIA ALMEIDA



Acaba de receber das melhores fabricas do Porto, na ultima moda, grande e variado sortido de chapéos, de seda e de feltro, para homem, menino, e senhora. Bonita colleção de bonets, que tudo vende mais barato que em outro estabelecimento.

Fabrica, concerta e põe na moda, com perfeição qualquer chapéo que esteja nas circumstancias. (2350)

ATENÇÃO

José Luiz Ferreira, hoje morador na ruas d.s Aguas n.º 9, leva ao conhecimento do publico que toma conta em sua casa de toda e qualquer encomenda para a Barca ou Arcos, assim como nos Arcos na sua estação á entrada da Ponte, para Braga e Porto, pelas quaes se responsabilisa. Assim como tambem em sua casa freta trens grandes ou pequenos, cobertos ou descobertos para o Bom Jesus, ou outra qualquer parte do reino por preços muito rezumidos.

Braga 31 de março de 1874.

(2334) José Luiz Ferreira.

ALMEIDA & PEREIRA

Largo do Barão de S. Martinho n.º 18

Compram e vendem acções de todos os bancos e companhias, e inscripções d'assentamento e coupons. (1)

METAES VELHOS

Na travessa de S. João n.º 5, compra-se toda a qualidade de metaes, e ferro velho até mesmo fundido. (860)

DOCTOR IN ABSENTIA

O professor em artes, letras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a Medicus, rua do Rei, 46 em Jersey (Inglaterra). (2107)

João Manoel da Silva Guimaraes.—Rua do Souto n.º 43.

Compra e vende Acções de todos os Bancos e Companhias, Inscriptões de Assentamento e coupons. (581)

NOVA FUNDIÇÃO DE FERRO

DE

Antonio Germano Ferreirinha

NA

Travessa de S. João

Aonde faz toda a obra, assim como bombas, conçoilas, columnas para gaz, pezos novos, panellas á ingleza de todos os tamanhos, canos para agoas e gaz, e toda a obra de fundição, como grades para sacadas, obra de metal, sinos e outros objectos de igual teor etc., pelos preços do Porto.

L'illustration de la mode. O mais elegante, ricamente illustrado e barato dos jornaes da moda.

Publica-se em Pariz uma vez por mez, no formato dos grandes jornaes illustrados.

Cada numero contém dez a quinze modelos de toilette, uma grande folha de modelos de tamanho natural e uma magnifica gravura colorida.

Quem quizer assignar esta publicação, dirija-se á livraria de Eugenio Chardron, largo de S. Francisco.—Braga.

A empreza oferece aos seus assignantes um magnifico cofresinho contendo tudo o que é necessario para um toucador e cujos objectos valem para cima de 20 francos.

Preços d'assignatura—Portugal: sem o referido brinde—9 fr. Com o brinde—13 fr.

CANÇÕES DA TARDE

POR

J. DE LEMOS

Com este titulo vao publicar-se brevemente mais um volume de versos do auctor do Cancioneiro. De duas partes contará este livro:—1.º **Ultimos Reflexos**; 2.º **Horas Vagas de Buarcos**.

Receiando o auctor de que, por seu silencio de muitos annos, o favor publico se tenha esquecido do seu nome, fez-se acompanhar, n'este volume, por dois distinctos e estimados nomes litterarios, o Visconde de Jerumenha e A. X. R. Cordeiro. A benevolencia, que não poderá obter por si, lh'a grangearão, de certo, estes dois nomes, de cuja boa sombra se serve para desvanecer o esquecimento de antigos leitores, e alcançar outros novos.

Preço do volume: 600 reis.

Quem quizer assignar esta publicação, dirija-se a Dias Freitas, na redacção do «Commercio do Minho».

NOVIDADE

44, Rua do Souto, 44

Campos & Almeida, acabam de receber grande sortido de chapéos de feltro e seda, (ultima moda), da acreditada fabrica dos snrs. Maia e Silva, do Porto, que vendem pelos preços da fabrica.

Tambem se fabricam e concertam chapéos de todas as qualidades. (2330)

15 — Rua de S. Marcos — 15

Queijo Londrino, Papel e Flamengo de superior qualidade. (2356)

BRAGA: TYPOGRAPHIA LUSITANA — 1875.